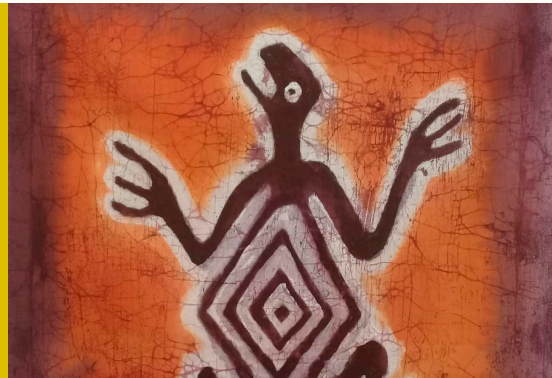


RALED

VOL. 20(1) 2020



ARTÍCULO

A hipervisibilidade do corpo-imagem migrante: uma estética do nomadismo na invisibilidade social

*The hypervisibility of the migrant body-image:
an aesthetics of nomadism in social invisibility*

MARLUZA DA ROSA

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Recebido: 30 de agosto de 2019 | Aceito: 18 de março de 2020

RESUMEN

Este ensayo discute, desde los estudios del discurso brasileños, atravesados por la perspectiva del psicoanálisis y la filosofía, el funcionamiento de la hipervisibilidad en el campo mediático, entendiendo que esta oculta el proceso de invisibilidad social del que los sujetos migrantes son parte. Se analizan tres regularidades visuales/discursivas que surgen cuando se buscan las palabras clave “migrações/migraciones”, “migrantes” y “refugiados (a) s”, en portugués y español, en las herramientas de búsqueda en línea. Se agrupan y discuten estas regularidades en función de las nociones de campo escópico y memoria visual. Desde la dimensión escópica, que convoca la mirada, se problematiza la distribución simbólica de los lugares y la construcción de una cierta estética del nomadismo. La lectura de las imágenes como rastros de la memoria discursiva/colectiva permite cuestionar la construcción mediatizada de esta memoria, vinculada a un efecto de homogeneización de las migraciones.

PALABRAS CLAVE: *Cuerpo-imagen, (hiper) visibilidad, discurso, medios, refugiados.*

RESUMO

Este ensaio discute, pelo viés dos estudos do discurso brasileiros, atravessados pelos olhares da psicanálise e da filosofia, o funcionamento da hipervisibilidade no campo midiático, compreendendo que esta escamoteia o processo de invisibilização social do qual fazem parte os sujeitos migrantes. São analisadas três regularidades visuais/discursivas que emergem quando as palavras-chave “migrações/migraciones”, “migrantes” e “refugiado(a)s” são procuradas, em línguas portuguesa e espanhola, nas ferramentas de busca *on-line*. Essas regularidades são agrupadas e discutidas com base na articulação entre as noções de campo escópico e memória visual. Pela dimensão escópica, a qual convoca o/a olhar, problematiza-se a distribuição simbólica dos lugares e a construção de certa estética do nomadismo. A leitura das imagens enquanto traços da memória discursiva/coletiva permite questionar a construção mediatizada dessa memória, atrelada a um efeito de homogeneização das migrações.

PALAVRAS CHAVE: *Corpo-imagem, (Hiper)Visibilidade, Discurso, Mídias, Refugiados.*

ABSTRACT

This essay discusses, through the bias of Brazilian discourse studies, crossed by the views of psychoanalysis and philosophy, the functioning of hypervisibility in the media field, understanding that it conceals the process of social invisibility of which migrant subjects are part. This work analyzes three visual/discursive regularities that emerge when the keywords “migrations”, “migrants” and “refugees” are searched, in Portuguese and Spanish, in the online search tools. These regularities

are grouped and discussed based on the notions of scopic field and visual memory. In the scopic dimension, which calls to/the gaze, the symbolic distribution of places and the construction of an aesthetics of nomadism are problematized. The reading of images as traces of a discursive/collective memory allows one to question the mediatized construction of this memory, linked to an effect of homogenization of migrations.

KEYWORDS: *Body-image, (Hyper)Visibility, Discourse, Media, Refugees.*

Introdução

Este trabalho é decorrente das discussões que venho desenvolvendo junto ao Projeto de Pesquisa *Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade* na Universidade Federal de Santa Maria. A reflexão advém também da consideração, enquanto condições de produção do discurso, do cenário sócio-histórico, político e econômico em nível mundial que se delineia nos últimos tempos, marcado pelos chamados “movimentos migratórios”, “crises migratórias” ou “crise humanitária dos refugiados”. A partir desse âmbito e em relação ao funcionamento das mídias no campo social, a questão do corpo ligada à problemática da imagem se torna assunto incontornável para os estudos do discurso, permitindo pensarmos sobre as possibilidades de produção e circulação dos sentidos e sobre os modos de subjetivação, de ser e de compreender o outro, em nossos dias.

Mencionei, no parágrafo anterior, “um cenário em nível mundial”, mas ressalto que é preciso colocar esse enunciado entre aspas, porque relembro a afirmação de Fred Poché (2016) a respeito da personificação dos processos supostamente sem autores, ao argumentar que cada vez mais estamos passando de uma “tópica da denúncia”, por meio da qual um grupo é visto como responsável pelas misérias dos outros, para uma “tópica do sentimento”, centrada sobre as vítimas de um processo tido como anônimo. *A conjuntura atual, a economia internacional, a globalização, o clima*,¹ o cenário mundial e não mais grupos hegemônicos dominantes têm sido vistos como os responsáveis por um leve “mal-estar contemporâneo” e não pela miséria, pela opressão, pela dominação, pela exploração, pela exclusão dos corpos.

Para esta discussão, tendo em vista a grande repercussão midiática da chamada “crise migratória da Venezuela”, em 2018, comecei a buscar pelo modo como se construía esse acontecimento nos veículos de comunicação em português brasileiro e espanhol latino-americano. Nessa busca, as imagens que se repetiam e que ilustravam as notícias eram, muito frequentemente, as mesmas. Também muito frequentemente não eram imagens da Venezuela ou de países vizinhos. Assim, procuro compreender de que modo essa memória das migrações se produz em imagens e, na constituição do *corpus* deste estudo, aponto que estas remontam regularmente ao ano de 2015 (recorte temporal definido para fins metodológicos), ano de grande aumento no número de migrações; ano daquilo que se tornou um acontecimento midiático, a saber, o registro da morte do menino sírio Aylan Kurdi, feito pela fotógrafa Nilufer Demir. Refiro-me a um acontecimento midiático porque o que ganha o status de acontecimento, ressalto, é menos a morte do que a imagem dessa morte, menos o corpo do que a imagem desse corpo, a difusão dessa imagem que, inclusive, é rememorada um ano depois e continua sendo recordada sempre no início de setembro.

Minha proposta aqui, considerando que o discurso midiático caracteriza-se como (ou possibilita) o discurso desses grupos hegemônicos e dominantes, é abordar a problemática da visibilidade, mais precisamente, da hipervisibilidade que têm recebido os movimentos migratórios; hipervisibilidade essa que constrói não apenas um corpo-imagem (Ferrari e Neckel 2017), mas um corpo-imagem migrante como síntese homogeneizadora das migrações, as quais são fenômenos hu-

1 Chamo a atenção para a designação “refugiados do clima”, que tem sido difundida ultimamente, como se o clima, e não a degradação do meio ambiente pelo ser humano, fosse responsável pelas catástrofes ambientais.

manos diversos e distintos. O foco do meu olhar incide no modo como se constrói discursivamente a imagem dos migrantes/refugiados e como ressoa, no âmbito das mídias, esse acontecimento histórico que são os movimentos migratórios. Uma pergunta, colocada por Rancière (2012), tem me acompanhado nas reflexões a esse respeito. O autor se questiona: “sob que condições é possível declarar certos acontecimentos irrepresentáveis?” (Rancière 2012: 119), problematizando, com essa pergunta, o uso “inflacionista” de noções como o irrepresentável, o não apresentável, o impensável, o intratável, o indesculpável...

Essa questão me toca e suscita outras: seria a condição humana, na busca por refúgio, dessa ordem do irrepresentável, uma vez que se trata da quase total falta, da quase perda total, inclusive, perda dessa própria dimensão do humano-semelhante a quem devemos hospitalidade? Estaria na condição do impensável, do intratável, do indesculpável? Se assim for, seria toda essa profusão de imagens sobre os refugiados uma busca por representar esse irrepresentável? Ou seria, por outro lado, uma forma de atender ao imperativo de tudo ver, de tudo mostrar em uma sociedade da imagem como a nossa? Como a análise do *corpus* permitirá compreender, se as diversas formas de busca por refúgio suscitam uma resposta afirmativa às questões concernentes à condição humana, o mesmo não ocorre no que diz respeito à profusão de imagens, pois estas, mais do que tentar representar aquilo que, enquanto real, escapa ao domínio do imaginário e do simbólico, atendem à pulsão escópica, a sede do olhar que marca nossa sociedade contemporânea.

Para este trabalho, movida pelas questões decorrentes da leitura de Rancière (2012) e em diálogo com os estudos do discurso, notadamente atravessados pela psicanálise lacaniana, foi feita uma busca por termos que condensam sentidos acerca dos movimentos migratórios contemporâneos. Tais termos, em português e espanhol, foram “migrações/migraciones”, “migrantes” e “refugiados”. As imagens resultantes, compreendidas enquanto sequências discursivas, foram agrupadas e organizadas, com base em sua repetibilidade temática, em três regularidades: “*a deriva o limite o caminho*”. Para cada regularidade, foram selecionadas quatro imagens que apontam, por semelhança, ao mesmo tempo para a ordem do repetível, ou seja, da metonímia, e para a ordem da substituição, ou seja, da metáfora, já que uma imagem pode substituir as outras e/ou condensá-las.

Desse conjunto de quatro imagens, fazem parte fotografias premiadas que, enquanto tais, tendem a perdurar e a constituir nossa memória visual (Courtine 2013), diferentemente de muitas outras imagens que circulam no âmbito digital e que provavelmente serão esquecidas. Sem desconsiderar o papel dos algoritmos e da formação algorítmica nesse recorte (Ferragut 2018), convido leitores a fazer sua própria busca e a experimentar como funcionam (ou como falham) essas regularidades. Assim, sem pretender oferecer respostas definitivas ou reforçar homogeneidades já construídas, o que trago é um ensaio teórico-analítico para pensarmos juntos no campo escópico, campo do olhar, das formas de ver, como modo de organização das cenas de visibilidade, de “partilha do sensível” (Rancière 2000) e de construção de uma amálgama entre corpo e imagem.

1. No campo do olhar: hipervisibilidade, hipervulnerabilidade e partilha do sensível

É na dimensão escópica, a qual convoca nosso olhar e nos convoca a olhar, que esse corpo-imagem afeta e é afetado. Ao adentrar na dimensão escópica, remonto aqui à teoria das pulsões de Freud

(1996), mais precisamente, a noção de pulsão escópica, pela leitura de Lacan (1988, 2005). A noção de pulsão, na psicanálise, atrela-se àquilo que escapa à trama da linguagem e da representação, situando-se no limite do representável, também na fronteira entre o psíquico e o físico. No caso da pulsão escópica, trata-se do *campo* do olhar, não o olho, nem o que é olhado. Em uma leitura rápida e inevitavelmente superficial da teoria freudo-lacanianiana das pulsões, a pulsão do olhar, como toda pulsão, é sempre parcial, nunca se totaliza, não se satisfaz, já que permanece pulsante; ela tem fonte no corpo e objeto no registro psíquico, sendo que um de seus representantes nesse registro é o afeto – aquilo que (nos) afeta (Garcia-Roza 1999; Quinet 2004; Lacan 1988, 2005). A pulsão, assim, pode ser caracterizada como o que está à beira, como o que faz borda, mas também como o que arrisca a transbordar. É desse modo que abordo o corpo e o campo escópico; o campo do olhar, as bordas do corpo.

Tratar do corpo, nesse sentido, é compreendê-lo discursivamente como submetido ao simbólico e não apenas ao biológico. É o corpo atravessado pela história, pela memória e pela ideologia – corpo como materialidade e como opacidade, lugar político em que os sentidos se refratam e se difundem – que pode se amalgamar à imagem. A espessura do corpo, sua profundidade, e a superfície da imagem, sua volatilidade, fundem-se no processo de instauração do visível que é, também, forma de divisão do dizível, dos sentidos e dos lugares.

Para Rancière (1996: 36), ao abordar a participação política do ser falante na ordem social, há não apenas a distinção entre aqueles que podem tomar a palavra e aqueles relegados ao silêncio ou ao simples barulho das vozes, há também “a distribuição simbólica dos corpos, que as divide [as pessoas] em duas categorias: aqueles a quem se vê e a quem não se vê, os de quem há um *logos* – uma palavra memorial, uma contagem a manter –, e aqueles acerca dos quais não há *logos*”. Há os que contam e os que não contam, mas, no campo da visibilidade midiaticizada, simbolicamente construída e instaurada na ordem social, compreendo que há também aqueles a quem é possível contar e aqueles a quem não é, visto que nem todos figuram nesse campo.

O debate em torno da construção simbólica do corpo-imagem permite que se compreenda o que Rancière (2000: 12) concebe como uma partilha do sensível (*partage du sensible*) regida pelas práticas que concernem ao olhar, sendo essa partilha um “sistema de evidências sensíveis que dá a ver tanto a existência de um comum quanto as divisões que nele definem os respectivos lugares e partes. Uma partilha do sensível fixa, então, ao mesmo tempo, um comum compartilhado e as partes exclusivas”.² Nessa partilha, pensando no funcionamento das imagens, entendo que opera a dimensão escópica, na medida em que é também pelo campo do olhar que se dá essa “divisão dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da fala e do barulho”³ (Rancière 2000: 13-14).

É enquanto simbólico que se pode falar de um corpo-imagem, principalmente no caso deste estudo, quando não se discute o corpo empírico, mas uma representação da representação, tal

2 Tradução minha do original: “système d’évidences sensibles qui donne à voir en même temps l’existence d’un commun et les découpages qui y définissent les places et les parts respectives. Un partage du sensible fixe donc en même temps un commun partagé et des parts exclusives”

3 Tradução minha do original: “découpage des temps et des espaces, du visible et de l’invisible, de la parole et du bruit ”.

como se configura o corpo nos textos midiáticos. Nas palavras de Ferrari e Neckel (2017: 221), esse “corpo-imagem é um corpo já sujeito de mídia e, por isso mesmo, um corpo mercadoria, um corpo exposto, com valor de troca”. Esse corpo mercadoria não se constitui senão atrelado às imagens que vendem, que são facilmente compradas, no sentido de que, sem esforço, a elas aderimos.

Ainda de acordo com as autoras,

o corpo-imagem na mídia é diferente do corpo-imagem na arte ou à margem. Todos são constituídos na e pela imbricação material. O corpo-imagem midiático funciona pelo acúmulo de *views* e na medida que se torna cada vez mais visível o corpo estésico paga seu pedágio a ponto de quase desaparecer (Ferrari e Neckel 2017: 224).

Relembro que estar à margem e ser representado como estando à margem são funcionamentos e direcionamentos de sentidos diferentes. Trata-se de formas díspares de divisão do sensível, de modo que a primeira concerne à invisibilidade social em si experienciada, enquanto a segunda diz respeito à construção, via imagem, do que outrem compreende como à margem/marginal/marginalizado. A segunda forma, contudo, está atravessada por uma suposta visibilidade e, muitas vezes, por uma prometida representatividade, já que a margem é colocada *em foco*, transformada em centro, ainda que por instantes. São ordens distintas, mas ambas submetem os corpos, estes indistintamente: a primeira os rejeita à escuridão do não-representado – não necessariamente irrepresentável – a segunda volta-os ao excesso da luminosidade, do ver em demasia, do transbordamento do olhar, ao ponto de tenderem ao invisível.

Esse excesso de luz, que cega e anestesia o olhar, parece reafirmar, nos termos de Rancière (1996: 29), que “não há parcela dos sem-parcela”, que não há quem não seja representado, mesmo estando às margens, mesmo estando à deriva, mesmo que muros e limites aprisionem ou segreguem; o invisível, o socialmente silenciado não existiria. Tudo seria transparente, mostrável, fotografável, logo inserido nas mesmas dinâmicas sociovisuais. Enunciados como “somos todos refugiados”, por exemplo, que circulam em *hashtags* e mesmo nos discursos institucionais, produzem efeito análogo, pois, ao mesmo tempo em que chamam nossa atenção, neutralizam o dessemelhante, nem sempre reconhecendo seu direito *político* de ser uma parte que conta, ainda que como parcela dos sem-parcela.

Se somos todos, de alguma forma, refugiados, se esse nome pode caber a todos nós, por que garantir às pessoas que solicitam refúgio, asilo ou abrigo uma condição “especial”? Nos termos de Agier (2017: 21), “é-se sempre outra coisa além de refugiado quando se é chamado de ‘refugiado’. Refugiado não é uma identidade – nem nacional nem étnica nem cultural – é uma categoria institucional”.⁴ Os dizeres que afirmam sermos todos refugiados incidem, pois, sobre a reiteração dessa categoria, tão abrangente que abarcaria todos, indistintamente; afirmação que, ao mesmo tempo, silencia o questionamento sobre as razões dos pedidos de refúgio, nem sempre nos permitindo pensar que, na verdade, ninguém deveria ser refugiado.

4 Tradução minha do original: “on est toujours autre chose que réfugié quand on est appelé ‘réfugié’. Réfugié n’est pas une identité – ni nationale, ni ethnique, ni culturelle –, c’est une catégorie institutionnelle”.

Assim, a repetibilidade e a reproduzibilidade de dizeres e imagens, principalmente sob a égide do discurso digital (Dias 2018), produzem uma hipervisibilidade como promessa de saturação possível, de completude, como tentativa de satisfação de nossa pulsão a ver e a mostrar sempre mais. Saturação que transborda em excesso, fazendo com que, pelo mesmo movimento, deixemos de ver, de ser afetados pelo que nos olha. Nesse sentido, a hipervisibilidade contribui para reforçar o que vivemos hoje como uma hipervulnerabilidade, nos termos de Poché (2016). Para o autor,

O problema da fragilidade atravessa a história da humanidade, mas a “hipervulnerabilidade” advém de uma situação conjuntural particular. Assim, ela nos envia não só a um questionamento ético, mas também ao domínio político [...] ao problema do terceiro [do outro] e da justiça social⁵ (Poché 2016 n. p.).

Essa questão da hipervulnerabilidade, quando reforçada pela hipervisibilidade, apresenta-se, em minha compreensão, de forma contraditória no caso dos movimentos migratórios.

Se nossa tendência hoje é individualizar e psicologizar mazelas que são da ordem do social, do sócio-histórico-ideológico, se categorias sociológicas como opressão, dominação, exploração tendem a ser vistas como sofrimentos individuais (Poché 2016), ao mesmo tempo, no discurso midiático, quando se trata do corpo-imagem migrante, parece tratar-se, na maioria das vezes, de um corpo coletivo em que as especificidades, as individualidades, as singularidades, inclusive os nomes próprios, são escamoteados.

Discursos como o midiático, ao mesmo tempo em que escancaram uma representação fixa “do migrante” ou “do refugiado” como categorias estanques, silenciam aspectos fulcrais relacionados à (in)visibilidade desses corpos, dentre os quais se deve apontar a racialização das “migrações” contemporâneas, vistas como problemas, calamidades ou desencadeadoras de crises, diferentemente, por exemplo, da “grande imigração” europeia do século XIX em direção ao “Novo Mundo”, vista como pioneirismo indispensável ao progresso dos países latino-americanos. Os refugiados de hoje são representados costumeiramente como manchas nas paisagens, aglomerados humanos, bandos em movimento, o que contribui para a produção do que se poderia chamar de uma estética do nomadismo, principalmente nas representações fotográficas desses corpos, em sua maioria, racializados.

Segundo a leitura de Flusser (1992), Godinho (2015) afirma que a estética do nomadismo se caracteriza como um “veículo de transmissão cultural”, marcado pela angústia do deslocamento daqueles “transgressores de fronteiras” (*Grenzgänger*), “apátridas” (*heimatlos*) ou “sem-chão”, “sem raiz” (*bodenlos*). Embora tal situação seja, de fato, determinante na produção imagética para a qual me volto neste estudo, o que chamo de uma estética do nomadismo tem sido marcada menos pela vivência, experiência ou existência desses sujeitos do que pela construção icônica, midiaticizada, *sobre* eles, sendo o deslocamento, muitas vezes forçado, transformado em palco ou tela. As (belas) imagens tornam-se, assim, lugar de estabilização na história do trágico ou do incerto porvir dos

5 Tradução minha do original: “Le problème de la fragilité traverse l’histoire de l’humanité, mais l’« hyper-vulnérabilité » relève d’une situation conjoncturelle particulière. Aussi ne renvoie-t-elle pas seulement à un questionnement éthique, mais aussi au domaine politique [...] au problème du tiers et de la justice sociale.”

migrantes. Essas imagens raramente são captadas pelos próprios sujeitos, caracterizando-se seja pelo olhar externo daquele que, assim como o espectador, acompanha o fluxo de longe, seja pelo olhar daquele que conseguiu *se fazer passar por um deles*, atravessar com *eles* as fronteiras, vivenciar, ainda que por pouco tempo, o que *eles* vivenciaram. A construção dessas imagens e dessa memória visual, como veremos na análise das fotografias, não é feita por quem vive as migrações, mas por quem as observa e as interpreta, em terceira pessoa.

Sabemos que os processos de identificação são hoje, mais do que nunca e em grande parte, produzidos por essas imagens, de modo que a identidade narrativa, a impossível narração de si mesmo, nos termos de Robin (1996), cede lugar a identidades icônicas, aparentemente fixas. Assim, longe de atentar para os relatos da migração ou de deixar que tomem a palavra aqueles que a sentem no corpo, o discurso midiático insiste não apenas em falar em seu lugar, mas em torná-los parte difusa de um regime de visibilidade constante, identidades cristalizadas, ícones, mais uma das muitas imagens, em um processo de familiarização, pela repetição, do estranho/estrangeiro e de suas vicissitudes. Refugiados? Sim, conhecemos muito bem, afinal, já os vimos tantas vezes (pela televisão ou pela internet) em barcos ou botes, tentando atravessar algum mar, muro ou cerca, sempre a caminho de algum lugar. Mas o que ou quem, de fato, conhecemos?

2. Metonimização e metaforização do corpo-imagem migrante

Convido os leitores, nesta seção, a direcionarem seus olhares e a pensarmos juntos sobre o que tenho compreendido como três modos de funcionamento escópico dessa hipervisibilidade e da construção desse corpo-imagem migrante como mancha, nódoa no espaço de visibilidade social. Não se trata, aqui, de estabelecer categorias, mas de observar regularidades que conduzem sentidos, interpretações e afetos. Tenho observado, no turbilhão das imagens que diariamente recebemos das migrações contemporâneas, que algumas delas nos confrontam com a desorientação, com a inquietante estranheza de uma experiência que tange ao real, que se dá no limiar entre este, o imaginário e o simbólico (Lacan 1953), por se tratar de algo que se materializa no corpo, no acúmulo de corpos, no volume dos corpos humanos contra os quais a visão se choca – confronta-se, mas também se abala.

Tomo como ponto de partida a afirmação de Didi-Huberman (2010: 30), segundo a qual “a visão se choca sempre com o inelutável volume dos corpos humanos”, e identifico três regularidades, às quais nomeio “*a deriva o limite o caminho*”. As imagens aqui em discussão foram agrupadas nessas três direções em razão do modo regular como se difundem e circulam nas mídias, desde os portais de notícias até as redes sociais digitais. A aproximação das imagens por semelhança e repetibilidade atende ao que Courtine e Marandin (2016: 36) compreendem como um processo de constituição do *corpus* enquanto “um dispositivo de agrupamento e de organização das sequências discursivas regulado pela noção de ‘condições de produção do discurso’”. Assim, como mencionado no momento introdutório deste estudo, fazem parte dessas condições de produção e figuram como mecanismos de busca as palavras-chave “migrações/migraciones”, “migrantes” e “refugiados”, que condensam os chamados “movimentos migratórios” ou “crises ou migratórias” atuais. Para cada regularidade, foram selecionadas quatro imagens que apontam, por semelhança, ao mesmo tempo para a ordem do repetível, ou seja, da metonímia, e para a ordem da substituição, ou seja, da metáfora, já que uma imagem pode substituir as outras e/ou condensá-las.

Em outros termos, ao refletir sobre os eixos metafórico (da substituição, uma palavra por outra) e metonímico (da contiguidade, uma palavra após outra), propostos por Jakobson, Lacan (1985) se dispõe a reler as reflexões de Freud sobre o aparelho psíquico, associando a metonímia ao deslocamento e a metáfora à condensação. Assim, na linguagem (e no inconsciente), *grosso modo*, pode-se dizer que os significantes deslizam, metonimicamente, em relação de contiguidade, até que um corte, um ponto de basta, instaura a metáfora, ou seja, até que um sentido se condense nessa rede significante. Na metáfora, há a condensação, que pode ser aqui pensada enquanto um agrupamento, na medida em que, segundo Courtine (2013: 43), em uma imagem reverberam outras, fruto da inscrição do espectador em uma “memória visual”, uma “memória das imagens”. É graças a essa memória que uma imagem, conforme entendo, pode condensar outras, do mesmo modo que é pela existência de outros traços, no aparelho psíquico, que um significante pode condensar outro(s).

Esse conjunto de fotografias, dispersas e (re)organizadas, auxilia-nos a compreender o que chamo de processos de metonimização⁶ e de metaforização das imagens. Assim, nas regularidades apresentadas a seguir, pelo deslizamento, funciona a metonímia, uma vez que as imagens remetem umas às outras e, nesse fluxo, produz-se o mesmo, o repetível, os sentidos aos quais vamos nos habituando.

Vejamos a primeira regularidade:

FIGURA 1

Regularidade na representação do corpo-imagem migrante à deriva.



6 Pêcheux (1999) trata de efeitos metafórico e metonímico na produção de sentidos, contudo, voltado à linguagem verbal. Atualmente, os estudos do discurso têm retomado tais noções para a análise de textos não-verbais. A expressão “metonimização das imagens” é utilizada por Lagazzi (2010), porém, não relacionada à possível metaforização.

Os quadros A e B, acima, ilustram a reportagem “Por que menos refugiados chegaram à Europa, mas mais morreram afogados em 2016”,⁷ assinada por Pablo Esparza e publicada em 29 dezembro 2016, no site da BBC News (no Brasil e em outros países). O texto enfatiza o perigo das rotas marítimas enfrentado pelos refugiados e o número de mortes ocorridas entre 2015 e 2016. Tais fotografias não apresentam autoria identificada, diferentemente das imagens C e D, feitas pelos fotógrafos Yannis Behrakis e Massimo Sestini, respectivamente. Ambas as fotos foram premiadas: esta, com o World Press Photo 2015, e aquela, com o prêmio Pulitzer de 2016. Todas elas, no entanto, são amplamente difundidas, enquanto “artes mecânicas” (Rancière 2000), no campo da reprodutibilidade instantânea, não necessariamente atreladas a textos escritos, mas, inúmeras vezes, presentificadas para “ilustrá-los”, esquecendo-se frequentemente da menção aos autores ou às condições em que foram produzidas. Em outros termos, imagens como essas retornam, nos motores de busca e na memória visual de leitores, quando são evocadas as migrações, ainda que não se busque especificamente pelas migrações direcionadas ao continente europeu (por exemplo, quando o elemento especificador “venezuelanas” não é associado ao termo “migrações”).

Nesse agrupamento de imagens, a deriva é significativa não apenas como figura de linguagem, posto que os migrantes estão, literalmente, à deriva. Uma vez na fluidez do mar, não se está em lugar nenhum, não se está enraizado em nenhum país, nenhuma pátria, o que permite compreender esse derivar/deslocar constante como uma forma de redizer o fato de ser/estar “bodenlos”, sem-chão, sem fundamento. O corpo-imagem migrante é representado como estando em suspenso (no mar, no bote-salva vidas, que constitui seu único e instável território). No azul marcante do mediterrâneo, os corpos humanos fazem corpo com o bote, são extensão dele e, juntos, constroem manchas policromáticas, captadas ou construídas na/pela fotografia. A única diversidade visível nessa dimensão do campo do olhar é a das cores e das cabeças que se sobressaem. É quase impossível contar quantos são esses corpos que não contam. Trata-se de um único corpo de muitas cabeças, de muitas faces, como costuma ser construída a migração forçada como um fenômeno social e histórico, sobretudo, quando midiaticizado.

Mas, o que distingue as fotos colocadas em relação? Compreendo que, enquanto as três primeiras instauram e se inserem em um eixo metonímico, ou seja, produzem um processo de remessa entre si, de deslocamento de uma a outra, a última foto pode ser interpretada a partir do eixo da metáfora, na medida em que uma imagem condensa as demais, assim como os sentidos produzidos a partir delas.

A fotografia de Massimo Sestini, assim como a de Nilufer Demir, é uma das mais reproduzidas quando se busca pelos “movimentos” ou pela “crise” migratória, sendo já considerada uma fotografia histórica.⁸ Assim, a foto inscreve e estabiliza a complexidade migratória enquanto imagem na história e na memória, não sem manifestar sua dimensão estética enquanto “regime específico de identificação e de pensamento [...] modo de articulação entre as maneiras de fazer, as formas de

7 Disponível online em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38449301>. Consulta: 22 de agosto de 2019.

8 Ver Massimo Sestini e la sua foto storica. Disponível online em <https://ilfotografo.it/primopiano/massimo-sestini-e-la-sua-foto-storica/>. Consulta: 24 de agosto de 2019.

visibilidade dessas maneiras e os modos de pensabilidade de suas relações”⁹ (Rancière 2000: 10). A produção fotográfica, aliada à (re)produção midiática, inscreve as subjetividades e singularidades em um único corpo-imagem migrante, estereotipado, identificado e eternizado em constante deriva, de modo que cada corpo sensível deixa de ser lugar de inscrição da dimensão subjetiva (de uma subjetividade política, de uma subjetividade que possa insurgir), passando o corpo-imagem a ser espaço de “generalização do espetáculo” (Rancière 2000).

Algo semelhante se dá no agrupamento de imagens seguinte:

FIGURA 2

Regularidade na representação do corpo-imagem migrante no limite.



A imagem E é de autoria do fotógrafo Nacho Doce e foi registrada em Pacaraima, Roraima, em 08 de agosto de 2018. Já as imagens F e G têm sua autoria atribuída, respectivamente, aos fotógrafos Vassil Donev e a Alexandros Avramidis. Embora sem data de registro, ambas começam a circular *on-line* em meados de 2015, ou seja, possuem como condições de produção o deslocamento forçado em decorrência dos conflitos, notadamente, na Síria. O quadro H estampa uma curta reportagem da Revista Época, em texto escrito e vídeo, assinada por Bruno Calixto e Liuca Yonaha, Marco Vergotti e Pedro Schimidt e intitulada “Número de refugiados é o maior desde a Segunda Guerra Mundial”.¹⁰ Essa reportagem foi publicada em 23 de setembro de 2015 e apresenta dados sobre a

9 Tradução minha do original: “un régime spécifique d’identification et de pensée [...] un mode d’articulation entre des manières de faire, des formes de visibilité de ces manières de faire et des modes de pensabilité de leurs rapports”.

10 Disponível online em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/09/numero-de-refugiados-e-o-maior-desde-segunda-guerra-mundial.html>. Consulta: 23 de agosto de 2019.

“crise humanitária dos refugiados”. A autoria da fotografia, que teria sido realizada na fila de espera em um centro de acolhimento na Croácia, é atribuída ao fotógrafo sérvio Marko Drobnjakovic.¹¹ Assim como as imagens do agrupamento anterior, essas fotografias têm sido usadas para ilustrar notícias e reportagens de diversos portais, quando se trata das migrações – os quadros E, F e H, talvez por semelhança, acompanham textos que nem sempre remetem aos contextos nos quais foram registrados –, muitas vezes com enfoques diferentes. Por exemplo, o quadro E ilustra o texto jornalístico, publicado em 22 de agosto de 2018 pela BBC News, intitulado “Grave crise em Roraima justifica fechamento da fronteira? Entenda os argumentos contra e a favor”, mais especificamente está atrelado ao subtítulo “Xenofobia”.¹² A mesma imagem, no entanto, é retomada em 19 de junho de 2019, na Folha de São Paulo *on-line*, para ilustrar a notícia “Brasileiro é mais tolerante à entrada de refugiados do que mídia internacional, mostra pesquisa”,¹³ o que não é anódino para seus efeitos de sentido, uma vez que a mesma fotografia “ilustra” tanto a xenofobia quanto a tolerância.

Para além dos espaços fisicamente determinados, são muitas as barreiras que impedem os refugiados de encontrar exatamente o que buscam: refúgio, abrigo, asilo. O muro, a cerca, a polícia, a xenofobia, a intolerância. Nesse conjunto de imagens (Figura 2), os limites comprimem os corpos, que choram, debatem-se ou se resignam. A hipervulnerabilidade se mostra nessa divisão do visível nos corpos infantis, in-fantes, aqueles que não têm fala; sob o cassetete policial, aqueles que não têm voz ou cujas vozes e faces se perdem no barulho inaudível do que é outro/estranho e, assim sendo, é simples “animal fônico” (Rancière 1996). Os corpos se apinham do “lado de lá” da cerca, do muro... do lado de fora, portanto, como estrangeiros que são e, aparentemente, devem continuar sendo. Esses corpos são volumes, são o “a mais”, o acúmulo que choca (e se choca com) nossa visão ocidental(izada), norte-centralizada, que muitas vezes os interpreta como a ameaça de quem o limite é suposto nos proteger.

Esses limites, visíveis nas imagens, remetem à divisão simbólica – nem sempre visível, nem sempre mostrada – dos lugares, à partilha do sensível, noção que, para Rancière (2000: 12), “se funda sobre uma partilha dos espaços, dos tempos e das formas de atividade que determina a própria maneira pela qual tanto um comum serve à participação quanto uns e outros tomam parte nessa partilha”.¹⁴ Mas, as imagens também interpelam o espectador a estar nesse limite, a vê-lo de mais perto, já que o enfoque dado se difere, por exemplo, daquele do primeiro grupo de fotografias.

Assim como no agrupamento à deriva (Figura 1), neste conjunto também é possível apontar para a metonimização entre as imagens: entre as formas do limite, entre a disposição dos corpos, ainda que se vá não só da apatia da espera (quadros E e F) à violência do enfrentamento (quadro

11 Embora não conste em galerias de páginas pessoais (site e Instagram) do fotógrafo.

12 Disponível online em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45266973>. Consulta: 30 de agosto de 2019.

13 Disponível online em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/brasileiro-e-mais-tolerante-a-entrada-de-refugiados-do-que-media-internacional-mostra-pesquisa.shtml>. Consulta: 23 de agosto de 2019.

14 Tradução minha do original: “se fonde sur un partage des espaces, des temps et des formes d’activité qui détermine la manière même dont un commun se prête à participation et dont les uns et les autres on part à ce partage”.

G), mas também dos limites materiais (cercas, telas, grades, escudos e cassetetes) aos humanos (burocracia, xenofobia, confronto). Chama, contudo, a atenção a imagem H, na qual um dos corpos, o infantil, está “do lado de cá”, mais próximo de quem vê o quadro, prestes a sair dele.

Na imagem em questão, não há nada mais visível nem mais vulnerável do que o corpo infantil e, como apontei em outro estudo (Da Rosa 2016), o desaparecimento desse corpo remete-nos ao desaparecimento de nossa própria subjetividade. Logo,

abordar a problemática do corpo nesses textos possibilita que sejam tangenciadas questões identitárias e subjetivas, constituídas no/pelo imaginário sobre o outro, com o qual podemos nos (des)identificar. No caso da imagem de referência, a comoção advém da leitura do corpo infantil, ainda que estrangeiro, como um semelhante, fruto de uma identificação especular, pois a criança indefesa poderia ser um de nós (Da Rosa 2016: 57).

As imagens apelam a nossa pulsão a ver, a um certo gozo paralisante do contemplar impactado, principalmente porque, na relação com elas, somos como *voyeurs*, posto que nós vemos, mas o outro não nos olha.¹⁵ Todavia, quanto pode o espectador se identificar, sustentar-se no campo escópico, quando as imagens o saturam sem devolver-lhe sequer um olhar? Em outros termos, sem o olhar do outro/Outro, não se mantém a identificação. Embora momentaneamente em foco, esses corpos-imagens tendem a ceder espaço a outros, também inseridos na volatilidade das imagens em rede e na fluidez/brevidade das identificações contemporâneas.

Cabe destacar que grande parte da memória visual de nosso tempo sobre a crise dos Estados-Nação frente aos deslocamentos populacionais se constrói ou, ao menos, difunde-se e se consolida a partir da mediatização da “crise humanitária” de 2015, ou seja, a partir de um contexto europeu e de uma percepção eurocêntrica das migrações. Essa profusão de imagens, entretanto, é efêmera, e já começam a compor esse grande e difuso cenário outras fotografias, referentes aos movimentos mais recentes, notadamente à migração venezuelana aos países vizinhos. Na próxima regularidade, encontram-se algumas dessas imagens.

Nesse último agrupamento, a que chamo de “*o caminho*”, a figura do bando reforça a já recorrente designação “movimentos migratórios”. As fotografias I e J retratam migrantes na fronteira da Eslovênia e foram registradas, respectivamente, por Jeff J. Mitchell, em 23 de outubro de 2015, e por Srdjan Živulović, em 20 de outubro de 2015. Pela referida imagem, Živulović recebeu o Pulitzer, em 2016, tornando-se o único esloveno a ganhar esse prêmio.¹⁶ A imagem K estampa a reportagem intitulada “Para refugiados venezuelanos, essa ponte conecta passado e presente”,¹⁷ pu-

15 Abordei essa questão da ausência do olhar do outro que, contudo, não nos é indiferente, ao analisar a foto do menino sírio, Aylan Kurdi, feita por Nilufer Demir, em 2015 (Da Rosa 2016).

16 Disponível online em: <https://www.rtvsl.si/news-in-english/srdjan-zivulovic-pulitzer-prize-winner/392402>. Consulta: 28 de agosto de 2019.

17 Tradução minha para: “For venezuelan refugees, this bridge connects past and present”. Disponível na internet em: <https://www.nationalgeographic.com/photography/proof/2018/06/refugees-venezuela-colombia-election-crisis-simon-bolivar-culture/>. Consulta: 23 de agosto de 2019.

blicada na revista National Geographic, em 20 de junho de 2018, e assinada por Mariana Zuñiga. A reportagem trata da travessia dos refugiados para a Colômbia, através da ponte Simón Bolívar, e a fotografia é de autoria de Greg Kahn. Já a imagem L estampa a reportagem intitulada “Fuga de venezuelanos faz país se equiparar ao Iraque em pedidos de refúgio no mundo”,¹⁸ veiculada pela BBC News Brasil, em 23 de julho de 2018. Sem autoria identificada, ela também ilustrou outras reportagens, como “Os efeitos da crise migratória da Venezuela na América do Sul”,¹⁹ de Barnaby Chesterman, veiculada em Yahoo Notícias, em 26 de agosto de 2018. Segundo esse portal de notícias, a fotografia foi registrada em 25 de julho de 2017.

FIGURA 3

Regularidade na representação do corpo-imagem migrante a caminho.



Todas as imagens – e outras que nelas ressoam – sugerem haver um percurso de ida, mas esse caminho é para onde? O corpo-imagem errante é massa móvel, lembrando os termos de Haroche (2013: 95-96), autora que, ao tratar das diferentes formas de invisibilidade, afirma que “a [invisibilidade] das massas pobres não é escolhida, ela é evidentemente imposta, indistinta, ameaçadora, pois nela o indivíduo não existe exatamente; ele tende a ser considerado na massa indiferenciada”. Nesse sentido, vale considerar que não apenas no registro imagético, mas também no verbal, essa invisibilidade se reafirma, por exemplo, na repetição da nacionalidade: “os venezuelanos”, “os sírios”.

18 Disponível online em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44548164>. Consulta: 28 de agosto de 2019.

19 Disponível online em: <https://br.noticias.yahoo.com/efeitos-crise-migrat%C3%B3ria-venezuela-am%C3%A9rica-sul-142156615--finance.html>. Consulta: 28 de agosto de 2019.

Nessas regularidades, o corpo-imagem provoca (des)identificação não porque o olhar dos fotografados interpela o olhar do espectador, que se sentiria também visto, mas por meio do “simulacro do movimento”, que não é o “movimento autêntico” (Rancière 2000), próprio dos corpos estésicos. O efeito do processo de metonimização das imagens é a passagem de uma a outra, como em uma errância contínua, movimento simulado, dado que a imagem é estática. Nesse processo, a regularidade dos conjuntos de imagens que aqui apresentamos permite compreender que o espectador assume frequentemente o lugar de quem vê de fora, de forma panorâmica, com certo recuo, seja do alto (efeito do ângulo plongé) seja do outro lado da cerca. O espectador, assim como o fotógrafo, não compartilha do mesmo olhar de quem vive a experiência migratória. Tal efeito contribui para a construção do corpo-imagem migrante enquanto corpo imaginário, “corpo apreendido em sua massa, percebido instantaneamente como uma silhueta ou percebido globalmente como uma sombra humana” (Nasio 2009: 81).

Essa forma de partilha do sensível, de divisão entre “nós” e “eles” e de nossos respectivos espaços, reforça a construção tanto desse outro como vulnerável quanto de uma estética que se define pelo nomadismo, pelo deslocamento, pela metonimização das imagens. A conversão do corpo vivo em corpo-imagem permite pensar, nos termos de Rancière (2000: 22), em um “princípio de re-divisão política da experiência comum”,²⁰ em como se constrói e se experiencia a relação com o outro, questão que remete, nos termos de Poché (2016), ao domínio da ética e da justiça social. Assim, como pudemos observar, os vários corpos formam um só corpo, deslocado e em deslocamento, um corpo tornado invisível pelo excesso do dar a ver que, no registro imagético, integra o que procurei mostrar como três formas de estar à margem, no centro do campo do olhar, mas às bordas do campo social.

Por meio deste breve percurso pelos três agrupamentos de imagens, é possível afirmar que estas permanecem em circulação, vagam pela memória discursiva, que é também visual, o que lhes permite serem retomadas e reinseridas na rede de visibilidade e enunciabilidade. Essas fotos, ao enquadrarem o aglomerado de corpos, seu volume, seu acúmulo, reforçam os números que constroem a migração como acontecimento sócio-histórico e, sobretudo, midiático. Como identificável nas regularidades aqui apresentadas, a imagem recorrente de crianças, assim como de andantes em massa, porém sozinhos, desamparados, em fuga, metaforiza a hipervulnerabilidade que insere o refugiado em um regime de dizeres possíveis e de formas aceitas de fazer ver, de identificar e de compreender quem é inserido nessa designação.

Considerações finais

Todas essas imagens, certamente, com algumas variações, já foram vistas. Elas figuram hoje na ordem do repetível, do já-dito, já-mostrado. Elas fazem parte da nossa memória visual (Courtine 2013) e, nesse sentido, não entendo que sejam tentativas de representar o irrepresentável, mas de satisfazer o olhar. Nelas, contudo, o corpo-imagem migrante é lugar de uma relação indelével entre

20 Tradução minha do original: “principe de re-partage politique de l’expérience commune”.

o espectador e seu/o outro, o que demanda a esse sujeito fazer-se outro para si mesmo (Kristeva 1994), repensando seu lugar e sua época, já que são “os pobres, os loucos, os estrangeiros e os velhos [que] interrogam de maneira radical o sentido da existência, a fragilidade, a vida social e a relação com a temporalidade”²¹ (Poché 2016: n. p.). Esse corpo-imagem é *locus*, portanto, de problematização da alteridade radical com a qual esse irrepresentável, insuportável nos confronta no campo do olhar, ainda que não o queiramos ver ou ainda que queiramos, acima de tudo, não o ver.

As figuras aqui analisadas, que reverberam em tantas outras, podem assim ser tomadas como significantes, marcas de diferentes direções de sentido e do funcionamento de uma estética do nomadismo, que produz e reproduz a (in)adequação, pela hipervisibilidade, de um corpo-imagem errante, tornado ícone e cristalizado no imaginário social por sua hipervulnerabilidade; corpo que homogeneiza, ao mesmo tempo em que reforça, os efeitos de sentido da migração como fenômeno único, problemático e massivo. É, contudo, esse corpo já/sempre midiático que se inscreve na história, nas redes do visível e do dizível, fundamentando discursos sobre quem é e quem pode ser considerado ou visto como refugiado: corpo do sul em direção ao norte, corpo do “pobre” em direção ao “rico”, corpo do outro em direção – e, muitas vezes, em ameaça – ao meu.

Sendo assim, cabe o questionamento sobre o papel e o destino (a finalidade) das imagens em nosso tempo, em uma sociedade escópica como a nossa. Cabe repensar a aproximação entre o imagético e o político, na medida em que é pelas imagens que se constrói, em grande parte, a distinção entre os que podem e os que não podem ter voz, os que contam e os que não contam. Cabe o esforço de compreender a condição humana, na situação de exílio, refúgio ou deslocamento forçado, como sendo da ordem do irrepresentável (sem “inflacionismo” do termo) e, acima de tudo, do indesculpável. Por fim, cabe que outros estudos tomem parte nesse debate, mobilizem olhares outros e diferentes perspectivas, a fim de discutir em que medida nossas formações imaginárias e imagéticas funcionam... ou falham.

Referências bibliográficas

AGIER, M. 2017. Définir les réfugiés ? La demande d’asile en mots et en situation. Entretien avec Anne-Virginie Madeira. Em M. Agier y A.-V. Madeira (eds.). *Définir les réfugiés*. pp. 09-27. Paris: PUF.

COURTINE, J.-J. 2013. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes.

COURTINE, J.-J. e MARANDIN, J.-M. 2016. Que objeto para a análise de discurso?. Em B. Conein et. al. (eds.). *Materialidades discursivas*, pp. 33-54. Campinas: Editora da UNICAMP.

DA ROSA, M. T. 2016. [Disponível online em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33644>]. Imagens não só ilustram, palavras não só descrevem: leitura e efeitos de sentido na tessitura verbo-imagética. *Letras & Letras* 32, 3: 45-67 [Consulta: 30 de agosto de 2019].

21 Tradução minha do original: “les pauvres, les fous, les étrangers et les vieux interrogent de manière radicale le sens de l’existence, la fragilité, la vie sociale et le rapport à la temporalité”.

- DIAS, C. 2018. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes.
- DIDI-HUBERMAN, G. 2010. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34.
- FERRAGUT, G. 2018. *Sentidos em circulação pelo digital: Justiça e Polícia e seus efeitos na sociedade*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP.
- FERRARI, A. J. e NECKEL, N. R. M. 2017. Corpos atravessados: opacidades histórico-midiáticas. Em G. B. Flores et. al. (eds.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Vol. 3, pp. 219-234. Campinas: Pontes.
- FREUD, S. 1996. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago.
- GARCIA-ROZA, L. A. 1999. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GODINHO, M. L. N. 2015. Da identidade do exilado durante o Nazismo na Europa: o ‘transcender de pátrias’ e o ‘nomadismo’. Espaço e memória híbridos em Annemarie Schwarzenbach. Em L. Schmuck e M. Corrêa (eds.). *Europa no contexto de migração e exílio: projeções, imaginações, identidades híbridas*, pp. 61-88. Berlim: Frank & Timme.
- HAROCHE, C. 2013. A invisibilidade proibida. Em N. Aubert y C. Haroche. (eds.) *Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap-Unifesp.
- KRISTEVA, J. 1994. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LACAN, J. 2005. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. 1988. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. 1985. *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. 1953. [Disponível online em: <http://psicoanalysis.org/lacan/rsi-53.htm>]. *O simbólico, o imaginário e o real*. Conferência de 8 de julho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise [Consulta: 24 de agosto de 2019].
- LAGAZZI, S. 2010. [Disponível online em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118882/1/ppec_8638825-9021-1-SM.pdf]. Linha de Passe: a materialidade significante em análise. *Revista Rua* 16, 2: 172-183 [Consulta: 30 de agosto de 2019].
- NASIO, J.-D. 2009. *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- PÊCHEUX, M. 1999. Papel da memória. Em P. Achard et al. (eds.). *Papel da memória*, pp. 49-57. Campinas: Pontes.
- POCHÉ, F. 2016. [Disponível online em: <https://journals.openedition.org/rsr/3049>]. De l’hyper-vulnérabilité. Diagnostic du présent et clarification conceptuelle. *Revue des sciences religieuses* 90, 1 [Consulta: 24 de agosto de 2019].

- QUINET, A. 2004. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- RANCIÈRE, J. 2012. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- RANCIÈRE, J. 2000. *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique.
- RANCIÈRE, J. 1996. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- ROBIN, R. 1996. Identidad, memoria y relato: la imposible narración de sí mismo. *Cuadernos de Posgrado*, Facultad de Ciencias Sociales/CBC: 30-67.

MARLUZA DA ROSA é docente no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (DECOM/UFSM – FW), onde coordena o Projeto de Pesquisa *Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade* (DISPOLI). É Graduada e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutora e Pós-Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente (2019-2020), é pesquisadora visitante no Centre d'Études des Mouvements Sociaux da École des Hautes Études em Sciences Sociales (CEMS/EHESS – Paris).

Correo electrónico: marluza.rosa@gmail.com